

10/01/2017 - 05:00

A oligarquia radical de Trump

Por **Simon Johnson**

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, está preenchendo os cargos de seu gabinete com gente rica. De acordo com o mais recente inventário, estão entre seus nomeados cinco bilionários e seis multimilionários. Isso é o que se conhece como oligarquia: o controle direto do Estado por pessoas dotadas de significativo poder econômico privado. Pelo fato de os republicanos controlarem ambas as casas do Congresso - e de que farão muitas indicações para o Judiciário -, não haverá restrição alguma, na prática, sobre o Executivo.



Em muitos casos - como o dos EUA hoje -, a reação inicial a um governo desse tipo inclui a esperança de que talvez pessoas ricas sejam boas para criar empregos. O raciocínio é que elas conseguiram enriquecer, portanto talvez consigam fazer o mesmo pelo restante de nós.

Geralmente, a esperança é a última que morre, mas as políticas econômicas propostas pelo governo prestes a ser empossado não são nada estimulantes. O princípio geral parece ser descartar inteiramente o pragmatismo e impor uma ideologia radical e desacreditada.

O tema central da "Trumponomia" até agora foram os cortes rápidos e significativos dos impostos. Mas Mick Mulvaney, o escolhido de Trump para chefiar o Departamento de Gestão e Orçamento (OMB, nas iniciais em inglês) é um destacado e articulado linha-dura contra o déficit; ele terá dificuldades em apoiar medidas que aumentam a dívida nacional.

Em certa medida, os cortes de impostos serão justificados com projeções exageradamente otimistas quanto ao seu impacto sobre o crescimento da economia, como foi feito no governo do presidente George W. Bush, com efeitos geralmente desastrosos. Mas há um limite para a pressão a ser exercida sobre o Departamento de Orçamento do Congresso, que é responsável por fornecer avaliações confiáveis sobre o impacto fiscal de novas políticas.

Trump parece determinado a baixar o imposto de renda dos americanos de alta renda, bem como a reduzir o imposto sobre os ganhos de capital (principalmente pagos pelos endinheirados) e a quase eliminar os impostos da pessoa jurídica (mais uma vez, beneficiando de forma desproporcional os mais ricos). Para fazer isso, seu governo tentará aumentar os impostos que incidem sobre os outros, e agora começamos a ver como ficará o quadro final. Pessoas próximas ao presidente eleito estão estudando uma tarifa sobre os produtos importados, fixada em aproximadamente 10%.

O governo Trump está tomando a forma de uma coalizão entre empresários que acreditam erroneamente que o protecionismo é uma boa forma de ajudar a economia e os fundamentalistas de mercado que dominam a Câmara dos Deputados

Essa tarifa, indubitavelmente, será apresentada ao público como uma iniciativa destinada a tornar a indústria americana grande de novo. Mas uma tarifa é apenas um outro nome para um imposto que aumenta os custos de todos os produtos importados. Isso poderia ajudar algumas empresas menos favorecidas - e presumivelmente a equipe de Trump dará destaque a notícias (verdadeiras ou falsas) sobre a consequente "proteção" a algumas centenas ou até a alguns milhares de vagas.

infiltrar no custo de tudo o que os americanos comprem. Na verdade, os oligarcas vão reduzir a taxa de taxa de taxa sobre si mesmos e aumentar a taxa indireta sobre todos - o que, em grande medida, é como aumentar o imposto sobre as vendas de todos os produtos. Sob uma proposta desse tipo, o ônus da taxa de taxa será deslocado dos endinheirados para os detentores de renda menor e de um patrimônio pequeno ou nulo.

E esse poderá ser apenas o começo do impacto negativo sobre o bem-estar da maioria dos americanos. Se Trump aumentar as tarifas cobradas sobre os produtos importados, alguns ou todos os parceiros comerciais dos EUA vão impor, muito provavelmente, uma retaliação, pela adoção de tarifas sobre as exportações dos EUA. Quando as empresas voltadas para as exportações - muitas das quais pagam altos salários - reduzirem a produção, em relação ao volume que teriam produzido normalmente, os efeitos serão, presumivelmente, a redução do número de bons empregos.

Alguns países - como a China - poderão adotar outras medidas punitivas contra as empresas americanas que operam em seu território. O efeito líquido será, mais uma vez, reduzir o nível de emprego, tanto mundial quanto nos EUA. O mundo já teve muitas vivências de "guerras comerciais", e elas nunca foram positivas.

Por que um grupo de oligarcas americanos implementaria uma política tão desastrosa? O governo Trump está tomando a forma de uma coalizão entre empresários que acreditam erroneamente que o protecionismo é uma boa forma de ajudar a economia e os fundamentalistas de mercado que atualmente dominam a bancada republicana na Câmara dos Deputados dos EUA.

Antes de Trump ganhar destaque, os republicanos da Câmara estavam desenvolvendo um conjunto de políticas estruturadas em torno de profundos cortes de impostos, de uma desregulamentação radical (inclusive das finanças e do meio ambiente), e de rejeição à reforma da assistência médica que se tornou a marca registrada do presidente Barack Obama, a Lei Federal da Assistência Médica Acessível ("Obamacare"). Eram, no entanto, decididamente a favor do livre-comércio - e o plano do governo Obama era sancionar a Parceria Transpacífico (TPP), um acordo de livre-comércio com outros onze países da Orla do Pacífico, com apoio republicano significativo no Congresso.

A eleição de Trump não mudou a agenda principal dos republicanos da Câmara - na verdade, levou os mentores dessa agenda ao governo, ao OMB, ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos, à Agência Central de Inteligência (CIA) e a outros cargos de destaque, e aos muitos que provavelmente se seguirão. Como explica meu colega James Kwak em seu novo livro "Economism", seu pensamento pró-mercado foi longe demais e pouco provavelmente gerará bons resultados.

Vender o tema que é a marca registrada de Trump - o protecionismo - aos republicanos da Câmara não foi fácil. Mas agora que eles começaram a pensar em uma tarifa sobre os produtos importados como parte de seu pacote de "reforma" fiscal, eles todos começarão a aderir. E vão dar várias justificativas estranhas que desviam a atenção da essência de sua política: impostos mais baixos para os oligarcas e para os semelhantes a eles, e impostos mais elevados - sem falar nas perdas significativas de empregos de altos salários - para quase todos os demais. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Simon Johnson, professor do MIT Sloan, foi economista-chefe do FMI e é coautor de "White House Burning: The Founding Fathers, Our National Debt, and Why It Matters to You", com James Kwak. Copyright: Project Syndicate, 2016.

www.project-syndicate.org